



Elementos da ética egoísta na ironia machadiana

Anna Luiza Kauffmann*, Porto Alegre

O trabalho mostra, num primeiro momento, a compreensão da autora sobre a forma como Machado de Assis se utiliza da linguagem irônica para denunciar a ambigüidade da natureza humana. O texto segue, aproximando as análises psicológicas de Machado de Assis e Sigmund Freud no que diz respeito à concepção de ambos da maldade intrínseca do sujeito e, conseqüentemente, da ética egoísta, entendendo esta como a única moral possível a moralizar as relações entre os indivíduos humanos.

* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Anna Luiza Kauffmann

Machado vive!

“Rio de Janeiro, setembro 1908

Morreu Machado de Assis. À hora em que escrevo esta frase, (...) ele jaz embalsamado, no salão da Academia de Letras, aguardando a hora solene em que todos os que nesta terra prezam e amam as manifestações de espírito lhe vão render as últimas e supremas homenagens, que restritamente lhe são devidas.

A Imprensa, 30 de setembro de 1908

O homem que hoje desapareceu de entre os vivos não era apenas um fino cultor das letras, um romancista de nomeada, um conteur exímio, um cronista encantador; era acima de tudo isso o mais alto, o mais delicado e pertinaz escritor da literatura nacional.

A Tribuna, 29 de setembro de 1908.

Daqui a muitos anos, talvez a muitos séculos, as gerações que substituírem as que se forem mergulhando para o outro lado do mundo terreno hão de ir buscar à obra do Mestre ensinamentos preciosos. Porque os gênios não desaparecem (...) (grifo meu).

O Século, 29 de setembro de 1908.”

Weguelin, J. M. O Rio de Janeiro através dos Jornais. <http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj12.htm>

Porto Alegre, julho de 2002

“1º ENCONTRO DE LITERATURA E PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Passam-se os anos e a força de Capitu, a protagonista de Dom Casmurro parece só aumentar. Criada há mais de um século, por Machado de Assis, “a menina

384 □ Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 3, dezembro 2002





dos olhos dissimulados” foi escolhida por leitores de São Paulo e Rio de Janeiro como a principal personagem da literatura brasileira de todos os tempos. Este, entre outros, é um estímulo para mergulharmos na literatura machadiana.(...)

Comissão organizadora

...porque os gênios não desaparecem!

Sobre a ironia

“SÓ SEI QUE NADA SEI”.

O conceito de ironia fez sua entrada no mundo com Sócrates e sua essência está contida na seguinte idéia: “SÓ SEI QUE NADA SEI”. Sócrates finge ser ignorante e, sob aparência de se deixar ensinar, ensina os outros; nisto se constituindo sua ironia. Eiróneia, ou ironia, é uma palavra de origem grega que significa interrogação – configuração subjetiva da dialética. A eiróneia, que “finge” ignorância, baseia-se no compromisso de Sócrates de abster-se do ensino dogmático a fim de estimular a investigação, substituindo o “logos” (conhecimento estático) pelo “diálogo” (conhecimento buscado através da troca). A dialética socrática, sua ironia, baseia-se em dois princípios: a *refutação*, que tem como missão suscitar no outro a consciência de sua ignorância, a fim de estimular a investigação, e a *maieutica*, arte da parteira, princípio que consiste em acreditar nas potencialidades criativas do outro, ajudando-o a “parir” o seu conhecimento (Mondolfo, 1996).

Trocando em miúdos, a ironia é um “...movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego de decadência (...), feição própria dos críticos e desabusados” (Machado de Assis, 1881 – “Teoria do Medalhão”).

A linguagem irônica

Por mais que se diga, por mais que se busquem conceitos, não há como definir a linguagem irônica. A ironia é sobretudo inconclusiva, feita de incertezas, de indeterminações que se sobrepõem e se multiplicam, num permanente desvio de si mesmas. Sua marca registrada é a ambigüidade, que consiste na negação – negar a realidade que ofende – sem destruí-la.

Sendo dialética, a ironia preserva oposições, criando um contexto no qual





Anna Luiza Kauffmann

tudo é possível e impossível; toda afirmação pode ser refutada, mas jamais anulada, gerando permanentes contradições entre o verdadeiro – falso, abstrato – concreto, consciência-inconsciência, sujeito-objeto, aceitação-rebeldia, universal-particular.

Filha do(a) humor e do(a) ódio, seja qual for a combinação que agradar, a ironia é paixão é o bem-vindo excesso, o ódio bem-humorado e extremado da linguagem nossa de cada dia (Kauffmann, 1999). Afinal, como bem nos diz Esteves: “... *uma linguagem absolutamente literal seria tudo menos uma linguagem (...). A ironia é, em certa medida, a perda da inocência da linguagem, dessa ‘virgindade’ de uma linguagem que dissesse só o que diz (...), pois com ela o que é dito, o que é EXPLÍCITO não é mais do que uma pequena ‘dobra’ redobrada do que é IMPLÍCITO*” (Esteves, 1997, p.14).

Ironizar, dizer ironicamente, implicitar, é ir além do argumento lógico, explícito, multiplicando assim as possibilidades de entendimento: “*a implicitação... (recurso próprio da linguagem irônica)... amplia a possibilidade relacional de inteligibilidade e acresce o grau de probabilidade argumentativa, sugestionante e convincente, abrangendo formas de argumentação que ultrapassam e excedem as fronteiras determinadas e militarizadas de uma validade formal e lógica*” (Esteves, 1997, p.16).

Ironizar é também *argumentar*. É trazer e acrescentar indefinição e surpresa ao já conhecido. Através da refutação das certezas, a ironia “problematiza”, criando tensões e conflitos que viabilizam uma crescente e infinita rede de perguntas, potencializando a “pensabilidade” do sujeito. Ironizar é manter-se em permanente inventibilidade. Inventar, sem concluir. O inventio é hesitação e confronto permanentes.

A análise psicológica

Apesar da diversidade, pode-se dizer que de uma forma geral sua obra trata do comportamento humano. Analista perspicaz da alma humana, Machado utilizou-se da sociedade carioca do Segundo Império para nos falar sobre o humano, mais especificamente, a humanidade e seus vícios atemporais.

Oscilando sempre, os contos de Machado de Assis mostram-se inicialmente bastante determinados pelo romantismo idealista, como se percebe na coletânea *Contos Fluminenses*, voltando-se mais e mais para uma abordagem própria do realismo utilitário, bastante nítida em *História da meia-noite* (1873).

O Machado dos contos iniciais é menos cético que o autor de *Brás Cubas* (romance que marca o “ponto-de-virada” da obra Machadiana). Denuncia a mesquizez das relações humanas, o jogo permanente de interesses que se estabelece nas





relações humanas marcadas pelas desigualdades sociais. Entretanto, o Machado dos *Contos Fluminenses* ainda não parecia estar convencido da ambigüidade da alma humana, buscando classificar os indivíduos, tanto quanto possível, em bons ou maus, cínicos ou puros.

“Um olhar que morde e assopra” (Bosi, 1999)

A literatura de Machado é uma mescla de ironia, arдил e verdade.

Eironeia, ironia, de origem grega, significa, repetimos, interrogação; *Alethea* é o pensamento posto em palavras que viabiliza a busca da verdade. *Alethea* é desvelamento. Daí o arдил, o *Cavillatio*, a astúcia da ironia.

Caviloso. É assim o Machado de Assis de Lygia Fagundes Telles. Caviloso: aquele que exige atenção, porque pode ser perigoso. Caviloso de *Cave canem!*, inscrição à entrada de certas casas romanas. Caviloso de “Cuidado com o cão!” (Telles, L.F., 2002).

É esse o olhar de Machado de Assis que me interessa mostrar aqui, o olhar caviloso. O olhar irônico, astuto, questionador, ambíguo (crítico e condescendente). Sobretudo o olhar do desvelamento, que predomina no segundo período de sua obra.

Lígia F. Telles tem razão. A julgar pela dor que sentimos, quando o olhar afiado machadiano crava, ferindo fundo a carne de nossa alma. *Cave canem!* Machado é perigoso.

Enxergar-se hipócrita, cínico ou “dissimulado” dói. Sem dúvida dói. Mas dor maior vem do assopro. Se traz alívio ouvir de Machado que a dissimulação é natural, que não estamos sós na busca da satisfação de nossos interesses, que a hipocrisia é quase sinônimo de humanidade, traz também desesperança, pois que se trata de legitimar o egoísmo presente nas relações humanas, fundamentando a noção de uma suposta ética que prescindiria da consideração pelo outro, uma “ética egoísta”.

Cuidado com a literatura machadiana. Não bastasse expor as mazelas da alma humana, ela nos sentencia ao castigo eterno, ao sofrimento infindável dos desesperançados. *Somos* assim, é a sentença de Machado. Essa é a nossa natureza, diz-nos seu olhar canino.

O “MAL” em Machado de Assis

Parece-me que na questão do mal reside boa parte do “desconforto” que a leitura de Machado de Assis possa nos provocar. Se por um lado, o Machado crítico denuncia nossa maldade e seus desdobramentos, paradoxalmente atenua tal crítica,





Anna Luiza Kauffmann

justificando através da “natureza” o egoísmo do ser humano. Conseqüentemente, entendo eu, tem sua teoria filosófica sobre o comportamento dos indivíduos, em alguma medida, engessada pelo pessimismo limitante de tais assertivas. Não há muito conhecimento a ser buscado quando se toma por *princípio* que o *mal é natural*. Parte-se da noção de que já se conhece inclusive sua origem. O “mal” da conduta humana na obra machadiana é em muito semelhante ao *mal radical* freudiano, à teoria de uma destrutividade pulsional que moldaria as relações entre os indivíduos sempre em busca da realização do autoprazer. Tornam-se assim a maldade, o interesse e a satisfação pessoal respaldados por um pretense empirismo que, ao constatar o observado, o efeito, conclui sobre sua causa a fim de justificar aquele. Cria-se, a meu ver, uma deturpação da avaliação de conduta humana, de moral. Contempla-se o egoísmo, a falta de ética, de consideração com o outro, com o status de normalidade, de genuinamente humano. Como saída ter-se-ia ou a “ética do egoísmo”, criticada, mas paradoxalmente respaldada pela teoria machadiana .

Quem sabe devêssemos compreender a ironia de Machado com o propósito de “contornar” a moral na avaliação do comportamento humano, pois que o “natural” se dá a quem do juízo ético? Talvez para ele não houvesse o que esperar da humanidade, nem por que ou como explicar seus vícios. O que passa a ser questionado são, ao contrário, as virtudes dos seres humanos, o que Machado faz esplendidamente ao longo de sua obra.

“Negação e atenuação. Gesto crítico e tom concessivo.”

Assim Alfredo Bosi (1999) qualifica a perspectiva machadiana. Partindo de uma visão cética, sardônica, sarcástica, pessimista e demoníaca, tem-se a atenuação destes adjetivos, criando em Machado um estilo que também é contido, medido, civilizado, mediador e diplomático. Ironia e Machado confundem-se aqui, mesclando ambigüidades e expondo suas contradições: “*O equilíbrio entre os dois modos de olhar parece o do terrorista¹ que precisa fingir-se de diplomata; ou o do diplomata que não esquece a sua outra metade, oculta, de terrorista*” (Bosi, 1999).

O cínico e o hipócrita, figuras recorrentes nas estruturas sociais assimétricas machadianas, acabam merecendo a complacência do olhar ambivalente do autor que lhes concede a escusa da necessidade como álibi, atenuando a crítica do “mal” que passa de radical à necessário: mal explicável.

1. Fale ele árabe ou inglês. (N. da A.).





Machado descreve o indivíduo humano como possuidor de duas naturezas. A “natural” propriamente dita (alma interior) e a outra, aquela que se constituiria a partir do social e que, portanto, estaria justificada pelas necessidades do sujeito de “sobreviver” e de resistir frente à hostilidade do mundo. Neste caso, estaríamos autorizados a acreditar que, para Machado, o homem nasceria naturalmente bom, sendo corrompido por conta do social. Todavia, essa idéia (como tantas outras) não se conclui no texto machadiano, pois que, para ele, a alma exterior, a segunda natureza é tão legítima e imperiosa quanto a primeira, em nada deixando a dever para aquela, a alma interior, no que concerne à prioridade ou importância na constituição do que é primário no ser humano.

Estudioso de Pascal, e tão pessimista quanto, Machado se diferencia desse, mais cartesiano, por negar que o costume, a segunda natureza, possa destruir a primeira. Ao contrário, afirma a ambigüidade, preferindo a idéia de fusão, ao assumir que as duas naturezas não se contrariam, constituindo-se nas duas metades do ser humano (Bosi, 1999).

Trata-se da necessária bivalência que, se por um lado anula a vida ética do sujeito machadiano, por outro garante-lhe o “matrimônio e/ou o patrimônio” “nosso” de cada dia.

“*Isto é a vida: não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente (...)*” (“Teoria do medalhão”).

Parece-me que o que está para ser “aceito integralmente” aqui é o cinismo e a hipocrisia, a desesperança na bondade humana.

A teoria machadiana: a “ética egoísta” da conduta humana

Exposta pela primeira vez por Quincas Borba no cap.117 das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, esta sátira do positivismo me parece condensar, ao estilo irônico, a ambigüidade do “humano”. A base otimista da doutrina revela-se na noção de que “*verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer*”. Já que o ser humano é “*o próprio humanitas reduzido*”, princípio que está por detrás da existência a que devemos adorar, justifica-se a auto-adoração do indivíduo humano, seu egoísmo: “*...daí a necessidade de adorar-se a si próprio*”.²

2. Machado justifica assim também a “moralidade prática” (não moral ou moral do interesse) na qual vícios e virtudes se confundem, sendo a inveja, por exemplo, tomada como virtude, uma “admiração que luta”. Todos os sentimentos belicosos, aliás, sendo os mais adequados à satisfação dos interesses pessoais e obtenção da “felicidade”, ganham status de virtudes.





Anna Luiza Kauffmann

“...Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao alto (...) e contemplei (...) uma coisa única(...), uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas” (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*) (grifos meus).

O egoísmo, a hipocrisia, o cinismo, a “segunda natureza”, o *alferes* de cada um de nós fica assim perdoado, ou ao menos justificado. Trata-se de sobrevivência. Questão darwiniana. Lei dos mais forte .

Dialeticamente, Machado não perdoa nada, nem ninguém nunca. Universaliza o mal: “todos os séculos”; “todos os seres”, todas as paixões.

Por outro e mesmo lado, sabemos que em tal filosofia não há lugar para “paixões” sejam ela de que tipo forem. Superficialidade dos afetos, e também dos conceitos – das idéias –, é a regra número um para aquele que quer viver civilizadamente, eis a *Teoria do Medalhão*: “...o meu desejo é que te faças grande e illustre, ou pelo menos notável(...)...Deves pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio ou próprio. O melhor será não as ter absolutamente(...) estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, (...) uma tal monotonia é grandemente saudável(...). Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc, etc . (...)Foge também ao riso, ensina a teoria : “... ficar sério, muito sério. (...)”. Last but not least: “... não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados(...)”.

Rir e escarnecer de si mesmo, eis mais um recurso da ironia machadiana.

Sobre a possibilidade de uma ética altruísta

Lembremos que, segundo Roy Schafer, a não explicitação da bondade não necessariamente comprova sua ausência no psiquismo do indivíduo: “A experiência e a expressão da própria bondade apresentam-se como sendo, para muitas pessoas, um perigo contra o qual devem erguer defesas. Estas defesas desempenham um papel significativo na obstrução de relacionamentos harmoniosos com os outros” (Schafer,2000).

Contrariando a tese da impossibilidade de uma natureza altruísta no ser humano, Nagel (1970) afirma que “O altruísmo depende...(unicamente)...do reconhecimento da realidade.. (da existência)...de outras pessoas e da equivalente capacidade





de considerar a si próprio como meramente mais um indivíduo entre muitos”.

Em *Uma investigação sobre os princípios da moral* (Hume, 1751), irritado com alguns filósofos pessimistas e descrentes da bondade humana, David Hume, um cético por excelência faz sua crítica afirmando que “*Há um princípio ... incompatível com...a moral, (...) que afirma que toda benevolência é mera hipocrisia, a amizade um engodo, o espírito público uma farsa, a fidelidade um ardil para angariar crédito e confiança; e que todos nós, perseguindo na realidade apenas nosso próprio interesse privado, vestimos esses belos disfarces para apanhar os outros desprevenidos e expô-los a nossas imposturas e maquinações. É fácil imaginar o tipo de coração que possui quem professa tais princípios sem experimentar nenhum sentimento interior capaz de desmentir uma teoria tão perniciosa”.*

Ave Shafer!

Ave Nagel!

Ave Hume!

Maldito seja o Bruxo do Cosme velho!

Para o fechamento deste trabalho, abro as portas de *A Igreja do Diabo*, insinuando que temos neste conto um dos mais bem-humorados, mais jocosos, de Machado de Assis. Também aqui o mal, o egoísmo, é o motor básico do comportamento humano. Nele Machado sublinha que nem mesmo as *virtudes* (“capas” de veludo, mas com franjas de algodão) podem “negar” o mal. Todavia o “mal” jamais pode ser “oficial”, ele (o mal, o Diabo), como convém às instituições (à civilização), deve estar sempre à margem, ou parecer estar, para que assim se coloque mais à vontade para satisfazer os verdadeiros desejos dos seres humanos, seus vícios. Em *A Igreja do Diabo* tudo é negação: “*Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo”.*

Tudo começa com a idéia do Diabo de fundar uma igreja sua, a fim de acolher nela os fiéis que possuíssem vícios incontroláveis. Uma espécie de ‘asilo do mal’. O Diabo, teimoso, tanto insiste com Deus³ que acaba por obter deste o consentimento para sua empreitada. (Talvez tenha contribuído também para a decisão divina a compreensão da metáfora das virtudes – ‘capas de veludo, mas com franjas de algodão’. É possível que o Senhor⁴, nem que fosse só no inconsciente, tivesse dúvidas a respeito). De volta à terra e fundada sua igreja, o Diabo consegue muitos adeptos, todavia, ao implicitamente ‘proibir’ toda bondade, o Diabo arrecada opositores, perdendo fiéis que comungavam com ele na negação de todas as virtudes. Ele não

3. Que me perdoem a irreverência os não-ateus, mas afinal este é o conto da Igreja DO DIABO.

4. Estou redimida?





Anna Luiza Kauffmann

conhecia o lema: “É proibido proibir”. Inconformado, o Diabo volta a falar com Deus, que o consola, fazendo uso da ironia rebelde e complacente, denunciando com ela toda a ambigüidade do ser humano, serenamente conflituado entre o bem e o mal que, segundo Machado de Assis, lhe são intrínsecos e ‘naturais’.

Diz Deus: “– Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana”.

A ironia como defesa contra a exclusão

Entendo a fantasia inconsciente que subjaz à ironia como podendo ser a fantasia de ser reincluído na cena primária (excluindo o ‘outro’), fantasia essa atizada pelo ódio frente à vivência de exclusão, quando o ego do indivíduo se encontra capacitado para o humor. (Kauffmann, 1999). Atrevo-me a sugerir que a ironia machadiana pode ser entendida como uma representação desta hipótese.

Ainda que quase nada possamos dizer sobre a realidade psíquica de Machado de Assis, como personagem, e somente tomando-o assim, conjeturo que sua história esteja repleta de experiências emocionais de privação e exclusão. Proponho pensarmos que, somada a uma genial sensibilidade, sua ironia, seu ódio bem-humorado, tenha lhe servido de instrumento para lidar com tais vivências.

Por fim

A que se questionar, insisto, teorias que, transbordando pessimismo, encarem a humanidade como de natureza essencialmente egoísta e incapaz de benevolência genuína. Pecado maior não há do que virar de costas para o lado de dentro das pessoas. Para o lado aquele que se vira para fora e que olha para o lado, ou melhor, para quem está ‘ao lado’, e o faz desinteressadamente.

O que não se pode duvidar, entretanto, é que o nosso Machado, filósofo dos Grandes, se peca, o faz com muita arte. Acreditando piamente na natureza egoísta de cada um e de todos nós, ironiza com excelência a mesquinha alma humana.

Bendito seja o Bruxo do Cosme velho!!! ☐

Summary

The paper shows at first, the comprehension the author has concerning the way Machado de Assis uses an ironic language in order to expose the ambiguity of





the human nature. Next, the author focuses on the psychological analysis of Machado de Assis and Sigmund Freud, concerning the way each one of these authors conceptualize the intrinsic cruelty of the human being, and, as a consequence, of the egoistic ethic, understood as the only possible rule capable of moralizing the relationships amongst people.

Resumen

El trabajo muestra, en un primer momento, la comprensión de la autora sobre la forma de cómo Machado de Assis se vale del lenguaje irónico para denunciar la ambigüedad de la naturaleza humana. El texto sigue, aproximando los análisis psicológicos de Machado de Assis y Sigmund Freud en lo que respecta a la concepción de ambos, de la maldad intrínseca del sujeto y, consecuentemente, de la ética egoísta, entendiendo ésta como la única moral posible a moralizar las relaciones entre los individuos humanos.

Referências

- BOSI, A. (1999). *Machado de Assis. O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 2000.
- ESTEVEVES, J. M. V. (1997). Ironia e Argumentação. Tese de Mestrado em Filosofia. Universidade Nova Lisboa. Lisboa. <http://bocc.ubi.pt/pag/esteves-jose-manuel-ironia-argumentacao.html>.
- FREUD, S. (1905). Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente. In: *S.E.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 8.
- HUME, D. (1751). *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral*. São Paulo: Unicamp, 1995.
- KAUFFMANN, A. L. (1999). "Ironia: Algumas Considerações". *R.Psiquiatr.* RS, 21(3), set./dez. 1999.
- MONDOLFO, R. *Sócrates*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- NAGEL, T. (1970). *The Possibility of Altruism*. Princeton: University Press, 1978.
- TELLES, L.F. (2002). "Apresentação de Machado de Assis". Academia Brasileira de Letras. <http://www.academia.org/machado.htm>
- SACERDOTI, G. (1987). *Irony Through Psychoanalysis*. London: Karnac, 1992.
- SCHAFER, R. (2000). "Um Obstáculo às Relações Humanas Harmoniosas: Defesa contra a Bondade". Palestra.....

Recebido em 06/07/2002

Aceito em 02/10/2002

Anna Luiza Kauffmann

Av. Taquara, 586/402

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

E-mail: akauffmann@brturbo.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

